

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO E EDITORAÇÃO

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
COMUNICAÇÃO SOCIAL – HABILITAÇÃO EM EDITORAÇÃO

IGOR ALVES SOUZA

Anne of Green Gables vs Anne with an E:

Uma análise da possibilidade de evolução de uma história
pós-livro e seus impactos

SÃO PAULO

2024

IGOR ALVES SOUZA

Anne of Green Gables vs Anne with an E:

**Uma análise da possibilidade de evolução de uma história
pós-livro e seus impactos**

Trabalho de conclusão de curso apresentado
ao Departamento de Jornalismo e
Editoração da Escola de Comunicações e
Artes da Universidade de São Paulo, como
requisito parcial para obtenção do título de
Bacharel em Comunicação Social com
habilitação em Editoração.

Orientador: Profº Drº Jean Pierre Chauvin

SÃO PAULO

2024

FICHA CATALOGRÁFICA

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catalogação na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo
Dados inseridos pelo(a) autor(a)

Souza, Igor Alves

Anne of Green Gables vs Anne with an E: Uma análise da possibilidade de evolução de uma história pós-livro e seus impactos / Igor Alves Souza; orientador, Jean Pierre Chauvin. - São Paulo, 2024.

45 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Departamento de Jornalismo e Editoração / Escola de Comunicações e Artes /
Universidade de São Paulo.

Bibliografia

1. Anne of Green Gables. 2. Anne with an E. 3. Literatura canadense. 4. Indústria cultural. 5. Lucy Maud Montgomery. I. Chauvin, Jean Pierre. II. Título.

CDD 21.ed. -

070.5

Elaborado por Alessandra Vieira Canholi Maldonado - CRB-8/6194

Nome: Souza, Igor Alves

Título: *Anne of Green Gables vs Anne with an E*: Uma análise da possibilidade de evolução de uma história pós-livro e seus impactos

Aprovado em: 03/12/2024.

Banca:

Prof. Jean Pierre Chauvin

Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo

Profª. Rosana de Lima Soares

Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo

Rodrigo Rodrigues Orsi

Editor - SESI-SP Editora

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha mãe, meu irmão, meu pai e minha tia Andréia. Vocês quatro lutaram muito para que eu pudesse ter uma educação de base de qualidade desde o início da minha jornada acadêmica, o que me possibilitou alcançar os patamares que atingi até hoje. Este trabalho e esse gosto de dever cumprido são nossos!

Eu não seria nada sem vocês.

AGRADECIMENTOS

Escrever nunca foi meu forte, felizmente – aparentemente – editar é, mas depois de todas as noites em claro fazendo esse trabalho ou revirando na cama por culpa de não estar fazendo esse trabalho é impossível finalizar esse estágio da minha vida sem reverenciar todos aquelas pessoas que foram fundamentais para que eu chegassem até aqui.

Agradeço primeiro a minha mãe, uma mulher forte, dedicada, amorosa, paciente (até quando eu não mereço). Não sou dessas pessoas que acredita que o parentesco de sangue importa na hora de se criar uma família, mas eu tirei a sorte grande na loteria do nascimento, nasci de uma Mãe com “M” maiúsculo, uma mãezona de verdade – mesmo que hoje em dia eu te chame de “mãezinha” – você é gigante, se um dia eu conseguir ser 1% da pessoa que você é, vou estar satisfeita. Pode ter certeza, mãe, tudo de bom que eu sou é por sua causa.

Agradeço, também, à minhas irmãs de alma, minhas *Weird Sisters*, Carol e Mis eu não sei o que faria da minha vida sem vocês! Já se passaram 10 anos de amizade, agora quase 11, e a única coisa que desejo é que passemos muitos outros juntos, às vezes brigando, se cutucando, mas sempre com muito amor.

Às *minhas amigas da facul*, Iana e Dani, agradeço por terem feito o nosso curso valer a pena pra mim, tivemos nossos atritos no começo, às vezes dá uns B.O., mas sou muito feliz em saber que são vocês que eu levo da faculdade comigo, pra sempre. Nós também já fizemos quase 7 anos de amizade, agora não tem como voltar atrás, tô grudado em vocês e não solto nunca mais!

Vocês quatro são meu refúgio, onde eu posso ser quem eu sou de verdade, sem amarras e sem me preocupar com julgamentos. Vocês são as mulheres da minha vida, pedaçinhos do meu coração que agora vivem fora do meu peito. Eu amo vocês.

Na ECA eu conheci muita gente incrível, mas foi na ECAtlética que eu fiz muitas das minhas memórias favoritas, foi lá que eu aprendi sobre o esporte universitário, como ele é importante na vida dos estudantes, queria poder ter feito mais pelo esporte e pela comunidade ecana como um todo, mas a pandemia frustrou esses planos, então só me resta me apegar ao pouco que eu fiz ao lado de tanta gente maravilhosa, obrigado Gestão 31 – Virada, foi maravilhoso enquanto durou. Da 31, quero agradecer especialmente a Bia Sabino que no começo do semestre me deu uma luz de como prosseguir com o TCC, te amo Bia Sabino!

Ainda na ECA quero agradecer ao meu orientador Jean Pierre, obrigado por toda dedicação, atenção e paciência, sei que não fui o exemplo de orientando, mas muito obrigado por embarcar nesse processo do TCC comigo e estar sempre disposto a me ajudar.

Por fim, quero agradecer ao CPFF, o Cursinho Popular Florestan Fernandes, o lugar que não só me ajudou entrar na faculdade, como também me fez gente! Me ensinou a ter mais empatia pelo outro, abraçar o diferente e entender a importância da educação popular e libertadora na vida de um adolescente, espero poder retribuir e repassar tudo que eu aprendi com todos os professores, coordenadores e colaboradores para uma nova geração. Obrigado Lara por todas as vezes que você puxou minha orelha para eu voltar pra sala e ir ver aula e obrigado por não desistir de tentar me trazer de volta, demorei, mas voltei! E obrigado Bia, a melhor professora de redação que eu tive na vida, se eu passei em Editoração na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, foi por sua causa!

Obrigado a todos por tudo, vocês fizeram e fazem a minha existência ser muito mais agradável.

RESUMO

Este trabalho analisa a adaptação da obra literária *Anne of Green Gables*, de Lucy Maud Montgomery, na série televisiva *Anne with an E*. A pesquisa explora as diferenças narrativas e estéticas entre o livro e a série, destacando como o meio audiovisual reinterpreta a história, adicionando camadas às personagens e abordando questões sociais. Além disso, discute-se a relação entre literatura e audiovisual, considerando as interações e tensões entre fidelidade ao texto-base e autonomia artística. Também são examinados os impactos das dinâmicas da indústria cultural e da economia criativa no desenvolvimento da série, incluindo os fatores mercadológicos que influenciaram seu cancelamento. O estudo busca compreender como a adaptação reflete e dialoga com as pautas sociais contemporâneas e os desafios da produção cultural no cenário atual.

Palavras-chave: *Anne of Green Gables*, *Anne with an E*, adaptação literária, indústria cultural, economia criativa, pautas sociais.

ABSTRACT

This study analyzes the adaptation of Lucy Maud Montgomery's literary work *Anne of Green Gables* into the television series *Anne with an E*. The research explores the narrative and aesthetic differences between the book and the series, highlighting how the audiovisual medium reinterprets the story by adding depth to the characters and addressing social issues. Furthermore, it discusses the relationship between literature and audiovisual media, considering the interactions and tensions between fidelity to the source material and artistic autonomy. The study also examines the impacts of cultural industry dynamics and the creative economy on the series' development, including the market factors that influenced its cancellation. It aims to understand how the adaptation reflects and engages with contemporary social issues and the challenges of cultural production in the current landscape.

Keywords: *Anne of Green Gables*, *Anne with an E*, literary adaptation, cultural industry, creative economy, social issues.

SUMÁRIO

Introdução	11
1. Obra(s)	12
1.1. <i>Anne of Green Gables</i>	12
1.1.1. Autora	12
1.1.2. Enredo	13
1.1.3. Personagem principal	14
1.2. <i>Anne with an E</i>	16
1.2.1. Enredo	16
1.2.2. Cancelamento	16
1.3. Outras adaptações	19
2. Pós-livro	21
2.1. <i>Anne of Green Gable vs. Anne with an E</i>	21
2.2. Audiovisual e literatura: dependência, interdependência e independência	30
2.3. Cultura como produto: indústria cultural e economia criativa	34
3. O impacto de uma adaptação: uma perspectiva multifacetada	37
Conclusão	41
Referências Bibliográficas	42

INTRODUÇÃO

Este trabalho propõe uma análise da obra *Anne of Green Gables*, de Lucy Maud Montgomery, e de sua adaptação contemporânea para a televisão, *Anne with an E*, explorando como a transposição de uma narrativa literária para o audiovisual permite expandir a compreensão e o impacto da história de Anne Shirley. Publicado em 1908, *Anne of Green Gables* consolidou-se rapidamente como um clássico da literatura canadense, encantando leitores de diversas idades ao redor do mundo com a trajetória de uma órfã imaginativa que transforma a vida dos que a rodeiam. A adaptação televisiva, lançada mais de um século depois, revisita a história da personagem e, ao fazê-lo, insere a obra em um contexto mais amplo, abordando temas sensíveis que ressoam com o público contemporâneo, como racismo, feminismo e a importância do respeito às populações indígenas.

A série *Anne with an E* extrapola o escopo do livro ao explorar questões de identidade e pertencimento, criando uma abordagem ampliada e multifacetada que permite ao espectador revisitá-lo universo da história sob novas perspectivas. Ao trazer à tona temas ainda não presentes no texto original ou apenas sugeridos, a adaptação amplifica o alcance da obra, projetando-a para além de seu contexto original e proporcionando uma leitura atualizada e inclusiva que convida ao questionamento das estruturas e valores sociais.

Neste contexto, o presente trabalho busca investigar as convergências e as tensões entre literatura e audiovisual, questionando o papel das adaptações na ressignificação de textos clássicos. *Anne with an E* exemplifica como essas adaptações podem ir além de simplesmente reproduzir uma narrativa em outra mídia; elas representam novas leituras que criam diálogos entre diferentes contextos culturais e temporais. Desse modo, este estudo propõe uma análise aprofundada sobre o impacto cultural e social da série, explorando o processo de tradução da literatura para o audiovisual como uma oportunidade de revitalização e ampliação do alcance de obras literárias. A partir da obra de Montgomery e sua adaptação, discute-se a relevância das narrativas e dos temas escolhidos na construção de pontes entre o passado e o presente, possibilitando novas camadas de interpretação e reforçando a importância da literatura e do audiovisual como veículos de reflexão e transformação social.

1. OBRA(S)

1.1. *Anne Of Green Gables*

1.1.1. Autora¹

Lucy Maud Montgomery nasceu em 30 de novembro de 1874 na Ilha do Príncipe Eduardo, localizada na costa leste do Canadá, local que viria a inspirar grande parte de sua obra literária. Filha de Hugh John Montgomery e Clara Woolner MacNeill Montgomery, Montgomery enfrentou adversidades desde a infância, após o falecimento de sua mãe, por causa de uma tuberculose, quando ela tinha menos de dois anos de idade, seu pai a deixou aos cuidados dos avós maternos por quem foi criada em Cavendish. Assim o ambiente de isolamento na fazenda de seus avós, sem o contato com outras crianças e em uma época onde crianças existiam para serem vistas e não ouvidas, foi a primeira influência significativa na sua sensibilidade artística e na criação de suas personagens literárias.

Ao chegar à adolescência, Montgomery passou a morar com seus avós paternos, onde pela primeira vez, teve a oportunidade de estudar. Após concluir o ensino básico, Montgomery passou a frequentar a Prince of Wales College em Charlottetown onde se formou em pedagogia e posteriormente, em 1895, concluiu um curso de literatura na Dalhousie University na Nova Escócia e passou a lecionar.

Ainda assim, a carreira de Montgomery como escritora teve um início modesto. Durante cerca de dez anos (1897-1907), conciliou a profissão de professora com seu sonho de ser escritora, submetendo contos e poemas para revistas e jornais locais que escrevia em seu tempo livre. Apesar de já ter certo sucesso com suas publicações e ser uma figura marcada no imaginário dos leitores locais, foi apenas em 1908, aos 34 anos, que Montgomery alcançou sucesso literário com a publicação de seu romance *Anne of Green Gables*. A obra narra as aventuras de Anne Shirley, uma órfã com uma imaginação fértil, que é adotada por engano por dois irmãos idosos. A publicação foi um sucesso imediato, tanto em termos críticos quanto comerciais, consolidando a posição de Montgomery como uma das principais vozes da literatura canadense.

¹*Lucy Maud Montgomery National Historic Person (1874-1942)*. Disponível em: <https://parks.canada.ca/culture/designation/personnage-person/lucy-maud-montgomery#fn1>. Acesso em: 30 ago. 2024; *Person of significance: L.M. Montgomery*. Disponível em: <https://parks.canada.ca/lhn-nhs/pe/greengables/culture/montgomery>. Acesso em: 30 ago. 2024; *Lucy Maud Montgomery: From Potboilers to Poetry*. Disponível em: <https://thediscoverblog.com/2014/11/27/lucy-maud-montgomery-from-potboilers-to-poetry/>. Acesso em 02 set. 2024.

O êxito de *Anne of Green Gables* permitiu que Montgomery se dedicasse integralmente à escrita. Ela continuou a série com outros sete livros, acompanhando o crescimento de Anne desde sua infância até sua vida adulta. A série foi amplamente traduzida, adaptada para o cinema, televisão e teatro, transformando-se em um fenômeno cultural global. O sucesso de suas obras ajudou a difundir a paisagem canadense no imaginário internacional por meio da literatura, e sua habilidade em criar personagens profundas e carismáticos lhe rendeu admiração de leitores de diversas idades e culturas.

Além da série de Anne, Montgomery produziu uma vasta obra composta de outros romances, contos e poemas, muitos dos quais exploram temas centrais como amor, amizade, família e a vida nas comunidades rurais do Canadá. Seu estilo de escrita, marcado por uma prosa lírica e personagens complexas, reflete tanto sua profunda conexão com o ambiente em que viveu quanto sua sensibilidade para questões sociais e psicológicas. Para além de sua produção literária, Montgomery também foi uma defensora ativa dos direitos das mulheres e se engajou em movimentos de preservação ambiental.

Em 1911, casou-se com Ewen Macdonald, com quem teve três filhos. Contudo, sua vida pessoal continuou permeada por desafios significativos, como problemas de saúde mental e dificuldades financeiras, que marcaram profundamente seus últimos anos.

Lucy Maud Montgomery faleceu em 24 de abril de 1942, por overdose, pouco tempo depois do falecimento de seu marido, que agravou o quadro depressivo no qual ela se encontrava já à alguns anos, levando-a a tirar sua própria vida. Montgomery deixou um legado duradouro na literatura canadense e mundial. Sua obra continua a ser amplamente apreciada, e a Ilha do Príncipe Eduardo, cenário de grande parte de sua produção literária, tornou-se um destino turístico de destaque para admiradores de sua escrita.

1.1.2. Enredo

O romance *Anne of Green Gables*, narra a história de Anne Shirley, uma órfã de 11 anos que, ao ser adotada por engano por dois irmãos idosos, transforma a vida deles e de todos ao seu redor. A trama é marcada por temas de identidade, aceitação e o poder da imaginação.

A narrativa tem início com a decisão dos irmãos Matthew e Marilla Cuthbert de adotar um menino para ajudar nas tarefas de sua fazenda, chamada Green Gables. No entanto, devido a um mal-entendido, eles recebem Anne Shirley, uma jovem ruiva, imaginativa e vibrante. Desde sua chegada, Anne desafia as expectativas da vida rural conservadora do vilarejo de

Avonlea, introduzindo uma energia transformadora que afeta tanto a fazenda quanto a comunidade à sua volta.

Anne é o coração da história. Sua personalidade é marcada por uma imaginação fértil e uma visão romântica do mundo, que contrastam com sua dura experiência de vida em orfanatos. A menina sonha em ser amada e aceita, e ao longo do romance, busca encontrar um sentido de pertencimento. Sua vivacidade e tendência a se perder em devaneios frequentemente a colocam em situações cômicas e problemáticas, mas tendo em vista a sua concepção inocente de mundo, ela acaba conquistando aqueles ao seu redor. Montgomery utiliza a personagem de Anne para explorar a dicotomia entre realidade e fantasia, ressaltando como a imaginação pode servir tanto como uma ferramenta de fuga quanto de enfrentamento dos desafios da vida.

O desenvolvimento de Anne é marcado por sua interação com os habitantes de Avonlea, particularmente Matthew e Marilla Cuthbert. Marilla, a princípio rígida e prática, é lentamente transformada pelo amor que desenvolve por Anne, enquanto Matthew, mais gentil e compreensivo desde o início, se torna uma figura paterna afetuosa para a jovem. Anne também forma uma profunda amizade com Diana Barry, sua “amiga do peito”, e estabelece uma relação complexa com Gilbert Blythe, um colega de escola que inicialmente a provoca, mas que eventualmente se torna um amigo.

Além dos relacionamentos interpessoais, um dos aspectos mais marcantes de *Anne of Green Gables* é o cenário natural da Ilha do Príncipe Eduardo. Montgomery explicita a paisagem da ilha na trama, utilizando a natureza não apenas como pano de fundo, mas como uma força quase viva que influencia a trajetória da protagonista. As descrições detalhadas e líricas de campos, árvores e rios refletem a ligação íntima de Anne com a natureza.

1.1.3. Personagem principal

Um dos traços mais evidentes de Anne Shirley é sua imaginação vívida e envolvente, que permeia todas as facetas de sua vida. Desde sua introdução no romance, a protagonista demonstra uma capacidade única de se perder em devaneios e criar mundos fantásticos a partir das situações mais comuns. Para Anne, a realidade é muitas vezes transformada por sua visão romântica e idealista, que enfeita a vida cotidiana com uma aura de beleza e encanto. Essa característica revela-se como uma forma de resistência diante das adversidades que ela enfrentou desde a infância, como o abandono e a vida difícil nos orfanatos pelos quais passou

antes de ser adotada pelos irmãos Cuthbert. A imaginação não apenas enriquece sua vida interior, mas também serve como uma estratégia de sobrevivência emocional.

Outro aspecto fundamental da personalidade de Anne é sua determinação e resiliência. Desde cedo, Anne foi exposta a circunstâncias desafiadoras, sendo rejeitada por diversas famílias adotivas antes de chegar a Green Gables. Mesmo diante desses obstáculos, Anne mantém uma postura otimista que lhe permite continuar lutando por seus sonhos. Montgomery, ao desenvolver essa característica em Anne, apresenta aos leitores uma heroína que, apesar de suas vulnerabilidades, é capaz de perseverar.

A sensibilidade emocional de Anne é outra característica marcante que a distingue como protagonista. Suas emoções são intensas e extremas, oscilando entre a euforia e a tristeza profunda. Essa capacidade de sentir profundamente não apenas a torna uma personagem vibrante, mas também lhe permite criar laços afetivos intensos com aqueles ao seu redor. Ela se conecta com as pessoas de maneira profunda e genuína, compreendendo suas dores e alegrias de forma empática.

Apesar de seu temperamento sonhador, Anne também é uma personagem dotada de grande inteligência e curiosidade. Ao longo da narrativa, ela demonstra uma mente ágil e perspicaz, que busca constantemente aprender e expandir seus horizontes. Sua paixão pelo conhecimento e pela educação reflete-se tanto em seu desempenho escolar quanto em sua capacidade de se expressar com eloquência.

Ao longo da obra, Anne passa por um processo significativo de desenvolvimento e amadurecimento. Inicialmente impulsiva, imaginativa e muitas vezes desobediente às convenções sociais, ela gradualmente aprende a equilibrar suas fantasias com as realidades da vida adulta. Essa evolução é visível nas relações que ela constrói, especialmente com Marilla e Gilbert Blythe. Esse processo de amadurecimento culmina com a transformação de Anne em uma jovem mulher confiante e compassiva, que mantém sua essência imaginativa, mas também desenvolve uma compreensão mais profunda das complexidades do mundo.

1.2. *Anne with an E*

1.2.1. Enredo

Anne with an E, série de televisão canadense produzida pela CBC (Canadian Broadcasting Corporation) e distribuída globalmente pela Netflix, representa uma releitura contemporânea da obra clássica *Anne of Green Gables*. Adaptada por Moira Walley-Beckett e lançada em 2017, a série reinterpreta a história de Anne Shirley-Cuthbert, uma órfã de 13 anos com uma imaginação fértil e uma personalidade cativante, inserindo-a em um contexto mais profundo e tematicamente abrangente. A narrativa não apenas mantém a essência do romance original, mas também expande seus horizontes ao abordar questões sociais e políticas da época, como feminismo, racismo e preconceito, refletindo sobre o final do século XIX a partir de uma perspectiva moderna.

A série segue a vida de Anne após ser adotada por Marilla e Matthew Cuthbert, dois irmãos solteiros que vivem na fazenda Green Gables, na Ilha do Príncipe Eduardo. Desde o princípio, a história de Anne é marcada por sua luta para ser aceita em uma sociedade que frequentemente marginaliza aqueles que são considerados diferentes. Suas experiências, marcadas por uma infância difícil, impulsionam seu desejo de pertencimento e reconhecimento. Nesse sentido, a série explora temas centrais como identidade, amor, amizade e resiliência, traçando o crescimento de Anne enquanto personagem e a forma como ela influencia aqueles ao seu redor.

Um dos aspectos mais notáveis de *Anne with an E* é sua capacidade de oferecer uma visão aprofundada e transformadora da sociedade do século XIX. Embora o romance original de Montgomery se concentre em temas de esperança e amadurecimento, a série insere críticas sociais mais diretas. O feminismo, por exemplo, surge como um tema central, com Anne desafiando normas de gênero e questionando o papel da mulher em uma sociedade patriarcal. A série também aborda o racismo e o preconceito, ao introduzir personagens de diferentes etnias e sexualidades e discutir as barreiras sociais enfrentadas por eles, o que acrescenta uma dimensão histórica e crítica à narrativa.

1.2.2. Cancelamento

O cancelamento de *Anne with an E* é um desses mistérios da indústria audiovisual, até então, não solucionado. Por ser uma série produzida pela CBC e somente distribuída internacionalmente pela Netflix, todas as decisões sobre criação, desenvolvimento, e por fim, o encerramento do projeto sempre estiveram nas mãos da corporação canadense e, diferente

do que o público acreditava na época do cancelamento, a plataforma de streaming não tinha real poder para impedir esse processo.

Em 2019, na época do anúncio que a terceira temporada da série seria, também, sua última, muitos rumores sobre os possíveis motivos do cancelamento da adaptação surgiram entre os fãs, principalmente no X (antigo Twitter), sendo três deles os mais prolíficos na rede social: o alto custo de produzir uma série de época, motivo que nunca foi confirmado ou negado pela CBC; baixa audiência e conflitos de ordem financeira entre a produtora e a Netflix, sendo esses dois últimos mais prováveis tendo em vista algumas declarações de funcionários da CBC e de Moira Walley-Beckett, responsável pela adaptação da obra.

Com a notícia do cancelamento Beckett publicou uma nota em dezembro de 2019 em seu *Instagram* agradecendo o esforço dos fãs pela campanha pedindo a renovação da série que movimentou as redes sociais durante muitos dias até a decisão final da CBC ser reafirmada.

Eu amo tanto vocês por tentarem tão avidamente e lutarem com seus grandes corações e lindas almas. Vocês são uma força da natureza... Estou tão surpresa e tão grata. Fui levada às lágrimas tantas vezes nas últimas semanas... foram tantas lágrimas. (tradução livre).

Depois de agradecer os fãs, Beckett continua:

Nós tentamos fazer eles mudarem de ideia. Nós tentamos achar uma nova casa. Nós tentamos fazer um filme de encerramento... Nós fizemos o nosso melhor. "Depois de tentar e ganhar, a melhor coisa é tentar e falhar." já dizia LM Montgomery. De qualquer forma, nós tentamos Arte e Comércio nunca têm um casamento fácil. Com frequência acho inexplicável. Essa é uma dessas vezes. Mas é impossível negociar com palavras como Economia, Algoritmos, Demografia, etc., etc. Mas essas e outras palavras como elas são as razões pelas quais a rede não quer continuar. E nós não encontramos outra produtora em lugar nenhum. Eu sei que vocês estão chateados e desapontados, tristes e com raiva – entendo completamente – porque nossa amada AnnE foi arrebatada. Se eu pudesse fazer mais alguma coisa, eu faria. Agora vocês sabem o que eu sei. (tradução livre).

Aqui é possível entender, mesmo que superficialmente, os motivos pelo cancelamento da série, ou ao menos as supostas justificativas dadas à Beckett pela produtora CBC, justificativas essas que se alinham com os rumores levantados pelos fãs.

Outra declaração, também de 2019, que corrobora com as teorias dos fãs de que a questão central do cancelamento não eram nem custos de produção muito menos essa suposta baixa audiência, motivo que foi amplamente contestado pela movimentação do público pedindo a renovação e não o encerramento do projeto, é a de Catherine Tait, CEO e presidente da CBC que logo após comunicar o cancelamento de *Anne with an E* cortou todos os laços com a Netflix, interrompendo também a produção de *Alias Grace*, outra série distribuída fora do Canadá pelo serviço de streaming.

Sobre essa interrupção em suas colaborações com a Netflix, Tait disse:

Não vamos fazer negócios que atrapalhem a longo prazo a existência da nossa indústria nacional... Vários países fizeram negócios, assim como nós, com a Netflix... e com o passar do tempo começamos a perceber que estávamos incentivando o crescimento da Netflix, ao invés de incentivar o crescimento das nossas empresas e indústria nacional (trecho do podcast *Content Canada*, reproduzido pelo site *Financial Post*. tradução livre)

Nessa mesma entrevista ao *Content Canada*, Tait também comenta sobre a mudança na política de produção de conteúdo que implementou na CBC, que começara em dezembro de 2018, essa mudança utilizava a co-produção de mídia como método de economia de recursos. Assim qualquer outra empresa que tivesse interesse em trabalhar em alguma produção da corporação deveria investir no seu desenvolvimento e assim, também, ser sujeita às leis e regras canadenses relativas à realização de um produto audiovisual no país, situação que não acontecia no contrato de distribuição assinado com a Netflix em relação a *Anne with an E*.

1.3. Outras adaptações

Anne of Green Gables e os seguintes livros de sua coleção têm uma lista extensa de adaptações, em diversas mídias diferentes, desde a primeira publicação do primeiro livro em 1908 até a estreia da série *Anne with an E* em 2017, sendo essa a mais famosa e ousada até os dias de hoje, porém esse fator não tira a importância das adaptações prévias que ajudaram a manter a história no imaginário coletivo de pessoas de vários lugares no mundo. A seguir estão listadas essas outras adaptações:

- *Anne of Green Gables* (1919): Primeiro filme baseado no livro, dirigido por William Desmond Taylor, foi produzido para o cinema mudo canadense, considerado um filme perdido;
- *Anne of Green Gables* (1934): O filme estrelava Dawn O'Day como Anne Shirley. A pedido da *RKO Radio Pictures*, distribuidora do filme, O'Day mudou seu nome artístico para Anne Shirley e o utilizou até o final de sua carreira;
- *Anne of Windy Poplars* (1940): Continuação do filme de 1934, ainda com Dawn O'Day, agora Anne Shirley, interpretando a personagem principal, mas dessa vez adulta e vivenciando outras situações;
- *Anne of Green Gables* (1952): Primeira série adaptada de *Anne of Green Gables*, produzida pela *BBC (British Broadcasting Corporation)*;
- *Anne of Green Gables* (1956): Primeiro, de muitos, filmes para a televisão canadense, foi também o primeiro filme musical de *Anne of Green Gables*;
- *Anne of Green Gables* (1957): Primeiro filme para a televisão canadense em francês;
- *Anne of Green Gables* (1958): Recriação do filme musical de 1956;
- *Anne of Green Gables* (1972): Minissérie britânica em cinco partes;
- *Anne of Avonlea* (1975): Continuação da versão de 1972;
- *Akage no Anne* (1979): Adaptação japonesa em anime de *Anne of Green Gables*, produzida pelo estúdio *Nippon Animation*, com um total de cinquenta episódios exibidos entre 7 de janeiro de 1979 e 30 de dezembro do mesmo ano;

- *Anne of Green Gables* (1985): Minissérie canadense de duas partes, dirigida por Kevin Sullivan, que viria a ser um dos maiores produtores de adaptações da coleção de livros;
- *Anne of Green Gables: The Sequel* (1987): Continuação da versão de 1985, também dirigida por Sullivan;
- *Anne of Green Gables: The Animated Series* (2000): Série animada da *PBS (Public Broadcasting Service)* para crianças de oito a doze anos, criada pela Sullivan Entertainment;
- *Anne: Journey to Green Gables* (2005): Versão animada produzida pela Sullivan Entertainment, pré-lúdio de *Anne of Green Gables: The Animated Series*;
- *Anne of Green Gables: A New Beginning* (2008): Versão dirigida por Kevin Sullivan e não diretamente baseada nos livros;
- *Green Gables Fables* (2014-2015): Websérie americana-canadense em que uma adaptação moderna da história de Anne acontece através de vlogs, tweets, posts no Tumblr e em outras redes sociais;
- *L.M. Montgomery's Anne of Green Gables* (2016): Filme de televisão canadense, foi ao ar pela *YTV (Youth Television)* em 15 de fevereiro de 2016. A neta de Montgomery, Kate Macdonald Butler, foi uma das produtoras executivas do filme;
- *Anne of Green Gables: The Good Stars* (2017): Uma continuação do filme de 2016;
- *Anne of Green Gables: Fire & Dew* (2017): Continuação do filme *Anne of Green Gables: The Good Stars* também de 2017.

2. PÓS-LIVRO

2.1. *Anne of Green Gable vs. Anne with an E*

Fora universo da produção editorial, mais especificamente da produção de livros, não é raro encontrar o pensamento de que uma história termina de ser contada quando o autor finaliza seu projeto e o publica. Alguns poucos talvez pensem sobre a influência da editora e todas as pessoas que trabalham no original; outros, sobre o impacto que o leitor possa ter em um texto pronto, mas *Anne with an E* demonstra que é possível revisitar uma história mais de um século depois de sua publicação e recontá-la não só em sua totalidade, como também trazer novos aspectos e abordagens que acrescentem na experiência de consumir a obra.

Assim sendo, a primeira grande diferença entre o livro e a série se dá no modo em que as cenas são narradas: enquanto, no texto, a única voz presente fora as personagens é a narradora da história que tem o papel de descrever emoções, expressões faciais, tons de voz, diferentes lugares e ambientes, a passagem do tempo, clima etc., na série, os elementos existentes pela sua própria natureza audiovisual dissolvem entre si essas funções. Os atores são responsáveis por transmitir os sentimentos das personagens; a passagem de tempo, mudança e aparência dos lugares e o clima são vistos; ninguém precisa descrever se está frio ou calor, se um quarto era vazio e não aconchegante ou se uma floresta é densa com muitas árvores floridas. Tudo isso é visto pelo público, é dado de graça para que ele se concentre em outros fatores mais importantes para o desenvolvimento da narrativa em imagem e som.

Um exemplo disso acontece quando Anne chega pela primeira vez em Green Gables e, em meio ao seu desespero de perceber que foi trazida por engano e muito provavelmente seria devolvida ao orfanato, é colocada para dormir em um quarto extremamente limpo mas completamente frio e impessoal, como descrito no trecho a seguir:

...Anne olhou à sua volta com tristeza. As paredes pintadas com cal eram tão dolorosamente desprovidas de adornos e a encaravam tanto que Anne pensou que elas deviam sofrer por conta de sua nudez. No chão tampouco havia nada, exceto por um tapetinho redondo trançado no meio, de um tipo que Anne jamais vira antes. Em um canto ficava a cama, alta e à moda antiga, com quatro escoras e baixas traves. No outro canto ficava a já mencionada mesa de três quinas, adornada com uma gorda alfineteira de veludo vermelho que parecia dura o bastante para dobrar a ponta do mais ousado alfinete. Sobre ela, na parede, havia um pequeno espelho de 15x20 centímetros. A meio caminho entre a mesa e a cama ficava a janela, coberta por uma cortina de musselina de tom gelo e babados, e do lado oposto ficava o lavabo. (MONTGOMERY, 2020, p. 36)

Já na série, o espectador não precisa ser informado disso tudo. Embora nem todos prestem atenção aos detalhes do ambiente, ele não é um elemento tão essencial na cena para

ajudar a exemplificar o estado emocional e mental da personagem – a atuação da atriz já demonstra por si só.

Outra grande diferença entre as duas obras são suas personagens. Ainda que Anne continue sendo a principal e o núcleo mais próximo que a rodeia – Matthew, Marilla, Diana Barry e Gilbert Blythe – continue sendo o mesmo, e outras personagens existam nas duas, Montgomery criou uma extensa lista de mais de cem personagens com diversos níveis de importância e participação em sua história, sendo até figurantes nomeados, e muitas vezes lhe atribuindo funções ou explicações de quem são e de onde são para justificar sua presença e relação com a história central. Na série, apesar de ser possível observar as pessoas da cidade, colegas de classe de Anne e muitas outras personagens, elas são só figurantes – estão ali para encher a cena, mas não passam nem perto de fazer parte da história, logo, não são nem nomeados ou trazidos para interagir com cada situação da cena em que se apresentam.

Ainda em relação às personagens, o modo como as que existem em ambos projetos são abordadas também diverge consideravelmente. Por mais que a adaptação mantenha o cerne delas o mesmo, novas camadas são adicionadas à personalidade de cada uma, novos conflitos são explorados e é dado mais destaque para suas vidas e as dificuldades e felicidades pelas quais elas passam. Exemplos mais explícitos disso são: Diana, que no livro é criada para ser uma boa dona de casa e esposa, e aceita sem questionar esse seu “papel como mulher”, na série é mostrado o conflito pelo qual ela passa depois de conhecer Anne e perceber que sua vida pode ser muito mais do que seus pais querem, que ela pode sim, estudar, que seu futuro pode ser mais do ser somente esposa de alguém: a questão é que ela tem escolha. Com Gilbert, é possível descobrir mais de sua vida e vê-lo além de um rival de Anne na escola e posteriormente um interesse amoroso. É mostrado como a doença e morte de seu pai o afeta; como, depois de viajar o mundo por um ano trabalhando na caldeira de um navio a vapor, decide voltar a Avonlea para continuar seus estudos e futuramente se tornar médico, desejo esse aceso após ajudar no parto de uma mulher em um dos portos onde atraca e intensificado sempre que pensa na morte de seus pais, sua mãe durante seu nascimento, e posteriormente de Mary, uma grande amiga que considera como irmã. Por fim, outro caso onde é notável essa complexificação de uma personagem, lhe garantindo mais profundidade, é com Marilla, que no livro é mais rígida, racional e prática, passando a mostrar seus sentimentos só por Anne bem aos poucos e com muita dificuldade e apesar da série manter essas características, o público é apresentado a um passado difícil que explica os motivos pelos quais ela é dessa forma, e também a torna mais honesta com seus sentimentos e carinhosa em todas suas relações com o passar do tempo.

Outras personagens também vão mostrando sua evolução no decorrer das temporadas e todos sempre nesse *modus operandi* de apresentar uma personalidade completa com características positivas e negativas, uma explicação dos motivos dessas características existirem e, se necessário para o melhoramento da personagem, um processo de evolução onde ela aprende e se transforma.

Em relação ao enredo das duas obras, é explícito que *Anne with an E* é uma adaptação de *Anne of Green Gables*, e não uma série inspirada no universo da obra, como é o caso, por exemplo, de *Shadowhunters*, série inspirada em *The Mortal Instruments* de Cassandra Clare, que também foi criada por uma produtora específica, no caso a Constantin Film, em parceria com o canal de televisão estadunidense Freeform e distribuída mundialmente pela Netflix.

Tendo esse fator de adaptação *vs.* inspiração em mente, a série faz esse processo de trazer os *plots* principais do livro para contar uma história extremamente semelhante a dele. Anne é adotada por engano pelos irmãos Matthew e Marilla Cuthbert e, depois de conseguir ser aceita na família (um pouco por insistência de Matthew, que imediatamente se encanta com a menina, e um pouco pelo seu carisma), ela fica amiga de Diana, tem Gilbert como seu rival na escola, mas aos poucos vai se afeiçoando a ele, e passa por confusões, muitas vezes causadas por si mesma, mas que sempre acabam se resolvendo. Assim, ela vai conseguindo conquistar o carinho e admiração de todos que cruzam seu caminho.

Já as diferenças no desenvolver da história aparecem logo no começo, quando ambas as obras tratam do passado de Anne e dos abusos que ela sofreu. No livro, o passado de Anne com as famílias Hammond e Thomas é mencionado brevemente, com foco na solidão e no fato de que ela nunca foi tratada como uma filha, e sim uma serviçal para essas famílias. Mas a própria narrativa no livro que tem um teor mais leve e otimista – faz parecer que as coisas que ela passou não foram tão ruins assim e aparentemente não tiveram grande impacto na sua vida. É, realmente, como se sua imaginação e sua natureza curiosa a tivessem salvado de qualquer trauma advindo dessas situações que vivenciou. Já na série, o passado de Anne é mostrado como muito mais traumático, com *flashbacks* detalhados mostrando maus-tratos e abusos severos. A série analisa de forma aprofundada esses traumas e mostra os impactos que essa infância inegavelmente ruim ainda tem em sua vida. Muitos aspectos da personalidade de Anne são exibidos como resultados de todas as violências que passou, tanto com suas “famílias” adotivas anteriores, quanto no orfanato onde estava logo antes de ser levada aos Cuthbert.

Enquanto o livro se concentra principalmente no crescimento pessoal de Anne, com suas aventuras e amizades, a religiosidade e moralidade também são assuntos reforçados. Em

várias passagens, é falado sobre a escola dominical que ela frequenta na cidade, que é também onde conhece a Sra. Allan, a esposa do pastor, em quem encontra uma “alma-irmã” e é a pessoa que faz esse papel de conselheira e régua moral para a menina – se ela fizesse ou falasse algo que a Sra. Allan aprovaria, então estava tudo bem.

Outro momento em específico, onde a questão da moralidade aparece como um ponto importante na caracterização da personagem, é quando ela está conversando com Marilla sobre o clube de contos que criou para escrever histórias com as amigas, e recebe um comentário negativo da mulher, que diz considerar perda de tempo ficar ocupando a mente com leituras que não são relacionadas à escola. Para isso a menina responde:

[...] tomamos muito cuidado de incluir uma moral em todas as histórias, Marilla – explicou Anne. – Eu insisto nisso. Todos os personagens bons são recompensados, e os ruins são devidamente castigados. Estou certa de que isto deve ter um efeito saudável. A moral é a grande coisa por trás das histórias. O senhor Allan é quem diz isso. Li um dos meus contos para ele e para a senhora Allan, e ambos concordam que a moral era excelente. (MONTGOMERY, 2020, p. 230)

No trecho, além dessa noção de que um senso moral é importante para o desenvolvimento pleno da pessoa, é possível ver quais são os pontos basais dessa moralidade. O bem é recompensado, e o mal punido – fazendo forte alusão ao discurso religioso cristão, que por sua vez é apoiado pelo pastor e sua esposa.

Na série, a questão da religiosidade é menos aflorada e serve mais de um pano de fundo para trazer uma verossimilhança com a época em que a história se passa. Assim, não se é citado a existência de uma escola dominical, as orações que a menina faz antes de dormir não são mais cenas importantes para o desenvolvimento da narrativa, e a bússola moral da protagonista é muito mais complexa do que a existência de “bem” e “mal”, de forma que não existe a necessidade da presença de pessoas que a guiariam nesse caminho. Então, o pastor, Sr. Allan, e sua esposa, Sra. Allan, são exemplos das poucas personagens que foram apagadas da narrativa na adaptação.

Talvez a maior diferença entre as duas obras seja a forma como abordam as pautas sociais e o contexto histórico-geográfico da Ilha do Príncipe Eduardo, e do Canadá como um todo, entre os anos de 1896 a 1899, para a série, e de 1876 a 1881, para o livro. Enquanto Montgomery tem lentes no amadurecimento de Anne e sua adaptação à sua nova vida, sua narração é muito mais leve e otimista, mas, em comparação com a série, chega a ser rasa. Sobre isso, Isabela Boscov, crítica de cinema e série, diz:

[O] otimismo e excitação são fruto não só de temperamento, como também de desespero. Anne carrega traumas profundos, e teme acima de tudo ser

obrigada a enfrentá-los mais uma vez. Com o pudor típico da época, Montgomery mal e mal sugeria os horrores que Anne teria vivido antes de chegar à casa dos Cuthbert. A criadora desta versão, Moira Walley-Beckett, opta por ser mais explícita [...] nenhum passado poderia ser tão idílico quanto o descrito por Montgomery. (BOSCOV, 2018.)

Além disso, no livro, o caráter feminista e desafiador das normas sociais da protagonista vai se diluindo conforme ela vai se assimilando à cidade de Avonlea e seus costumes. Essas características de Anne são tratadas como infantilidades, assim como sua natureza inquisitiva, tagarela e enérgica, e vão se perdendo com o passar dos anos e seu amadurecimento.

Em comparação, a série não só reforça o ímpeto feminista de Anne e enfatiza os efeitos dos abusos que ela sofreu, mostrando, diversas vezes, respostas traumáticas a situações cotidianas, o que a tornando uma personagem mais complexa, como também vai além e a utiliza e sua relação com outros ao seu redor para tratar de assuntos como identidade de gênero e sexualidade, racismo contra pessoas pretas e povos originários e o conceito de família não tradicional. Ao chegar em Green Gables com 13 anos, ela já fez o papel do outro – do marginal – sua vida toda. Esse fator, juntamente com sua ânsia de pertencer a algum lugar, a uma comunidade, faz com que a última coisa em sua mente seja de excluir alguém por causa de suas diferenças. Isso é explicitado pela sua facilidade de aceitar o seus arredores, e de não ter qualquer ressalva a todo tipo de pessoa.

É possível ver esse processo, inicialmente, com tia Josephine (tia-avó de Diana), que, durante uma visita à família, conhece Anne e se encanta de imediato com a personalidade da criança. Devido a isso, ela convida, junto com alguns colegas, para uma grande festa que sempre organizara com sua “melhor amiga” Gertrude, falecida há pouco tempo. É nesse ambiente, cercada de tantas pessoas completamente diferentes do que estava acostumada, e vendo as declarações de carinho que todos tinham pelo “casal Gertie e Jo”, que a menina entende a existência dessa outra forma de amar, que até então nunca tinha ouvido falar, e que “era contra as vontades de Deus”, como aponta Diana.

Uma situação parecida acontece com Cole, amigo de escola de Anne e Diana, que nunca tinha se enquadrado bem nas expectativas do que era ser um homem em Avonlea e, depois da festa de tia Jo, onde foi de acompanhante das meninas, se entendeu como “igual à tia Jo, mas só que com meninos”. Mais uma vez, Anne, ao ouvir essa afirmação, não se escandaliza, não acha estranho, não questiona, somente aceita seu amigo do jeito que ele é.

Já o impacto que essa família não tradicional causa na sociedade é visto desde o primeiro momento, quando Marilla e Matthew são criticados por nunca terem casado e por

quererem adotar uma criança. Com a chegada, por engano, da menina, é mostrado como ela que não tinha ninguém, começa a criar sua família adicionando pessoas além de seus pais adotivos. A primeira delas é Diana, sua “amiga do peito”, depois tia Jo, Cole, Srta. Stacy, professora que chega à cidade e assume a escola durante o último ano da turma antes de alguns irem continuar seus estudos na *Queen's Academy*², além de Bash, Mary e Delphine. Todos são considerados suas “almas-irmãs”³.

Por sua vez, a questão do racismo é tratada em duas vertentes. Inicialmente, primeiro contra pessoas pretas exemplificado com a aparição de Sebastian (Bash), um homem de Trindade e Tobago que trabalha com Gilbert no navio durante o ano em que ele passa viajando. Os dois se aproximam muito e, quando o menino decide voltar para Avonlea, Bash volta com ele com intuito dos dois trabalharem juntos na fazenda do primeiro. O racismo sofrido por Bash é exibido a todo momento, seja no navio onde o supervisor da caldeira lhe trata pior que os trabalhadores brancos, ou na própria Ilha do Príncipe Eduardo, onde os moradores da cidade se assustam com sua presença, assumem que ele é funcionário de Gilbert, se recusam a lhe vender mantimentos e tentam impedir que ele entre no vagão de passageiros do trem, sugerindo que ele se acomode no vagão de carga.

É, com a chegada de Bash em Charlottetown, que a série apresenta o “pântano” ou *bog* no original em inglês, uma comunidade composta somente de pessoas pretas que vivem ao redor da cidade sem nenhuma estrutura. Lá, ele conhece Mary, que posteriormente se torna sua esposa, e dá a luz à filha deles, Delphine. Os três, morando na fazenda dos Blythe em Avonlea, juntamente com Gilbert, passam a navegar nessa nova realidade de ser uma família mista, tendo em vista que, além de sócios, os dois homens se consideram como irmãos. Mary sofre especialmente ao tentar se aproximar das outras famílias da cidade por meio de convites para festas e confraternizações, que são sempre recusados, exceto pelos Cuthberts que, por intermédio de Anne, aceitam rapidamente Bash e sua família como parte da comunidade.

Apesar de o racismo não ser explicitado pela violência física, ele provoca grande impacto no espectador ao perceber o isolamento e falta de estrutura do *bog* em Charlottetown. Aquelas pessoas são, literalmente, marginalizadas: ficam do lado de fora da cidade, aos arredores das pessoas brancas.

Com o cancelamento da série, esse assunto não teve chance de ser abordado com mais profundidade, porém, essa abordagem de maneira simples, e ao mesmo tempo tão real, torna quase impossível de a audiência não fazer associações com sua própria realidade e as – nem

²Uma espécie de faculdade voltada para a área da educação, equivalente a um magistério na realidade do Brasil.

³*kindred spirits*, no original em inglês

sempre tão pequenas – agressões que a população preta sofre até os dias de hoje para além das em narrativas fictícias.

Uma outra pauta social, que é abordada somente na série, e leva em conta o contexto histórico do Canadá, é a questão da relação dos povos originários com os moradores de Avonlea, com o governo do país e com a igreja católica.

Nesse novo arco, Anne, que agora faz parte do jornal da escola, após fazer amizade com Ka'kwet, uma menina parte da população Mi'kmaq que residia perto de Avonlea, decide fazer uma matéria sobre eles para apresentar seus conhecimentos e cultura para toda cidade. O que a protagonista não esperava era a reação negativa de alguns moradores, que mesmo após ler sobre a experiência que a garota teve passando um dia com Ka'kwet e sua família, ainda tinham pensamentos preconceituosos e retrógrados. Esse preconceito se culmina na pressão que esses moradores fazem para que as crianças daquele grupo sejam mandadas para um internato em Halifax⁴.

Essa escola supostamente ensinaria as crianças a falarem inglês, sobre cultura canadense e religião cristã, conceitos eurocêntricos de civilidade e demais disciplinas que julgassem necessário para elas se tornarem “membros produtivos” de suas comunidades. Mas não é isso que acontece: ao chegar nesse internato, a menina Mi'kmaq e todas as outras crianças que foram enviadas para aquele lugar, sofrem diversas violências que não são exibidas ao público em sua totalidade. Ainda assim, é possível ver que as freiras que são responsáveis por elas cortam seus cabelos, se apropriam de seus pertences e roupas, dão um novo nome “cristão” para elas, as proíbem de falar seu idioma nativo e muitas vezes se utilizam de castigos físicos para punir erros e desobediências.

Devido ao fato de esse roteiro ser explorado apenas na terceira temporada, também não há um desfecho muito satisfatório em relação a Ka'kwet, que consegue fugir e reencontrar sua família brevemente, mas depois é levada de volta, e, assim, a personagem fica sem nenhuma resolução mais positiva.

Se, nos outros tópicos “polêmicos”, a série foi mais incisiva que o livro e até chegou a transbordar os temas tratados na obra original, a temática do racismo quanto aos povos originários do Canadá é pouco abordada. Claro que, por ser um conteúdo com classificação indicativa para maiores de 12 anos, algumas temáticas mais violentas tiveram que ser apagadas e/ou suavizadas para a série ficar palatável para o público-alvo.

Porém, *Anne with an E* já apresenta uma evolução quanto aos livros, que nem chegam a apresentar o tema. Assim, é extremamente importante que haja a inserção dessa crítica

⁴Cidade capital da província de Nova Escócia, península vizinha à Ilha do Príncipe Eduardo, no Canadá.

histórica – o genocídio da população indígena, e principalmente o assassinato de crianças nesses espaços, como o internato em Halifax, que tinham como fachada a educação.

Sobre isso Bruno Leal Pastor de Carvalho⁵, com base no texto de William Rees⁶, explica:

As “Escolas Residenciais” (ou “Escolas Residenciais Indígenas”) formaram um sistema criado pelo governo canadense na primeira metade do século XIX. Essas escolas recebiam dinheiro do Estado, mas eram administradas pela Igreja [Católica]. Seu objetivo era “reeducar” os povos indígenas. Em 1898 já existiam 54 escolas do tipo no país. Em 1946, o maior número de “Escolas Residenciais”: 74. Os indígenas eram obrigados a enviar os seus filhos para essas instituições, que existiram até 1996. (CARVALHO, 2018.)

Ress, continua:

[Essa] estrutura descrita [...] foi criada para alienar as crianças de suas identidades indígenas à medida que elas eram removidas de suas famílias – muitas vezes à força. Foi esse processo, especificamente, que a Comissão de Verdade e Reconciliação do Canadá⁷ descreveu em 2015 como um ato de “genocídio cultural”. A comissão usou esse termo porque entendeu que as escolas deliberadamente impediram “a transmissão de valores e identidades culturais indígenas de uma geração para a próxima”. (RESS, 2018.)

As consequências desse processo de assimilação e genocídio existem até os dias de hoje, no país. Dados mostram que em comparação com a população não indígena a taxa de desempregabilidade entre os indígenas é maior; a renda média é menor. Cerca de 20% vivem em casas superlotadas, em comparação aos 8,5% da população não indígena; integrantes da população de povos originários vivem entre dez e quinze anos a menos; a taxa de mortalidade infantil pode ser entre duas e quatro vezes maior e a taxa de suicídio entre os jovens é de cinco a dez vezes maior que a média nacional⁸.

Em 2021, provas da violência praticada pelo governo canadense e pela igreja católica contra os povos originários, principalmente contra as crianças dessas populações, apareceram na forma de restos mortais de mais de 1300 cadáveres encontrados enterrados aos arredores de três edifícios que funcionaram como “Escolas Residenciais”:

⁵Tradutor do texto *Primeiras nações: as populações nativas do Canadá*, de William Ress, publicado originalmente em inglês no portal **History Today** sob o título *Canada's First Nations*, tradução disponível no portal **Café História**.

⁶Mestrando na Universidade de Exeter (Inglaterra) e pesquisador sobre identidade indígena na América do Norte.

⁷Do inglês, *Truth and Reconciliation Commission of Canada* (TRC), comissão criada oficialmente em 2 de junho de 2008 com o intuito de documentar a história e os impactos das Escolas Residenciais Indígenas. Em novembro de 2015, foi inaugurado o “Centro Nacional para Verdade e Reconciliação”, que disponibiliza para o grande público estudos, pesquisas, documentos e testemunhos coletados durante as atividades da TRC.

⁸Dados de 2016 do portal **The Canadian Encyclopedia**, divulgados por Camila Araujo no portal **Brasil de Fato**, no artigo *Passado de violência contra indígenas no Canadá volta à tona após descoberta de covas*, de 2021.

Em Kamloops, na província de Colúmbia Britânica, próximo ao edifício de uma antiga escola residencial para indígenas, estavam enterrados os cadáveres de 215 crianças.

O caso precedeu uma série de novas descobertas de cadáveres em outras regiões do país: 750 covas encontradas na região de um antigo colégio na província de Saskatchewan, no centro-oeste do país, em junho, e depois mais 182 no antigo internato católico St Eugene's Mission, em Colúmbia Britânica, ao fim do mesmo mês.

Ainda em julho, mais 160 túmulos foram encontrados na Ilha Kuper, mesma província da escola anterior, totalizando restos mortais de mais de 1.300 crianças encontrados até o momento. A estimativa é de que ao menos 6 mil crianças indígenas tenham morrido nesses locais, de acordo com a Comissão de Verdade e Reconciliação do Canadá. (ARAUJO, 2021.)

A série, ao abordar as violências sofridas pelas crianças indígenas e a resistência das comunidades originárias, não só amplia o alcance de *Anne of Green Gables*, mas também convida a refletir sobre o impacto duradouro desse genocídio, cujas consequências ainda são sentidas hoje. Ao trazer à tona as histórias de sofrimento, muitas vezes silenciadas, a obra enfatiza a importância de manter viva a memória dos povos originários. Essas evidências, juntamente com os dados sobre as condições atuais das populações indígenas no Canadá, refletem de forma cruel as consequências das políticas de assimilação forçada. A desigualdade persistente em áreas como saúde, educação e condições de vida mostra como o genocídio não apenas afetou os indivíduos no passado, mas também moldou as realidades das gerações seguintes. Embora a verdade sobre essas atrocidades esteja sendo revelada, as cicatrizes do passado continuam a afetar profundamente essas comunidades, exigindo um compromisso real com a justiça e a reparação. Só assim, essas tragédias poderão ser verdadeiramente superadas.

2.2. Audiovisual e literatura: dependência, interdependência e independência

Como dito anteriormente, a primeira grande diferença entre uma série e um livro está localizada nas características narrativas intrínsecas a cada um desses meios. Enquanto o primeiro se utiliza de diversas ferramentas para contar uma história (performance do ator, jogo de câmera, luz, trilha sonora, etc.), o segundo se apoia no narrador, que descreve os acontecimentos e desenvolve a história, e nas personagens que expressam seus sentimentos, opiniões e emoções por meio de suas falas, essas, que por sua vez, dependem da interpretação do leitor.

Em seu artigo “A Literatura em Produções Audiovisuais: Uma Reflexão sobre a Diferença” para a revista *Tradução em Revista* da PUC-RIO, Francisco Wellington Borges Gomes⁹ comenta sobre essa diferença entre os recursos utilizados por cada meio para transmitir uma narrativa:

Na tradução de obras literárias impressas para o meio audiovisual o tradutor deve lançar mão dos recursos inerentes à linguagem da imagem em movimento. Enquanto no texto verbal características de personagens, de lugares e o desenrolar de eventos ficam em grande parte sob a responsabilidade do leitor, com base nas pistas dadas pelo autor do texto, nas traduções para o cinema e para a TV as imagens já estão lá. Nesse caso, elas refletem, antes de tudo, as interpretações e escolhas dos tradutores, sejam eles o roteirista, o diretor, o produtor, dentre outros. (GOMES, 2015).

No trecho, Gomes também aborda a presença de diversos agentes transformadores que influenciam no resultado final da adaptação do texto para imagem e som, esses chamados de “tradutores” são os responsáveis pelo quanto próximo ou distante essa nova produção, sendo ela para o cinema ou para a televisão, será da história original.

É explícito que essa relação entre série e literatura não é algo exclusivo de *Anne with an E* e *Anne of Green Gables*, atualmente existem inúmeros seriados e filmes que são adaptações de livros e ocupam esse espaço de conectores entre um meio e outro, mantendo a relação histórica entre ambos contemporânea.

Além disso, essa relação entre literatura e audiovisual não é algo novo e existe desde o início do século XX, com a invenção e a consolidação do cinema como forma de consumir conteúdo. Nesse começo a produção cinematográfica se apropriou de diversos materiais literários com o intuito de se firmar como objeto cultural de nível similar ao livro, segundo

⁹Professor de linguística e coordenador do curso de letras estrangeiras do Centro de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal do Piauí (CCHL/UFPI).

(CURCINO¹⁰; RANGEL¹¹, 2019) “Desse modo, o texto literário não conferia somente uma reposição de histórias e técnicas narrativas, mas também estendia seu prestígio simbólico.”. Ou seja, o texto não servia apenas para fornecer conteúdo para o cinema, mas também existia como uma base que endossava a produção audiovisual e lhe garantia um “selo de qualidade”.

Atualmente, com o impacto das novas tecnologias digitais, essa troca de informações entre ambos campos de produção cultural é mais equilibrada, não só a literatura influencia e garante prestígio ao cinema, agora, o audiovisual também intervém na interpretação do texto escrito. Ao estimular práticas de intertextualidade e valorizar os aspectos externos ao texto, a existência da arte de contar as mesmas histórias, só que por meio de imagem e som, auxilia e instiga o público a buscar os conteúdos ocultos da narrativa quando escrita.

Contudo essa relação não existe sem atritos, diversos críticos e pesquisadores divergem quanto ao grau de importância, a influência e o papel das duas artes na sociedade, tanto nos dias atuais, quanto no passado. Segundo (AMORIM¹², 2010) “É possível apontar movimentos críticos que defendem a autonomia do cinema, ou ainda a literatura como arte verdadeira. Porém, há teóricos que não enxergam tal relação como prejudicial para nenhuma das partes envolvidas.”. É necessário explicitar que essa crítica “cinema contra literatura” só existe no âmbito da produção audiovisual quando ela é fruto do gênero narrativo, mas nem todo filme/série é um produto desse gênero, Amorim denomina esse cinema que tenta se afastar da narrativa de “experimental”, onde o objetivo, não é contar uma história com as características desse gênero específico.

Paralelamente aos debates críticos sobre a influência entre cinema e literatura, o cinema, ao longo do século XX, consolidou-se como uma forma de arte autônoma, desvinculada da dependência da literatura. Embora muitas produções audiovisuais ainda sejam baseadas em obras literárias, o audiovisual desenvolveu sua própria linguagem e alcançou um *status* artístico comparável ao da literatura. Esse reconhecimento ocorre independentemente de suas produções pertencerem ou não ao gênero narrativo.

Diferentemente da crítica cinematográfica inicial, que priorizava a fidelidade do filme em relação ao texto-base como critério de qualificação da obra, em parte impulsionada pelo

¹⁰Luzmara Curcino, doutora em Linguística e Língua Portuguesa, docente no Departamento de Letras e no Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSCar, coordenadora do Laboratório de Estudos da Leitura da Universidade Federal de São Carlos (LIRE/UFSCar).

¹¹Tania Vieira Rangel, graduada em Letras – Português/Espanhol, pela Universidade Federal de São Carlos e membro do Laboratório de Estudos da Leitura da Universidade Federal de São Carlos (LIRE/UFSCar).

¹²Marcel Álvaro de Amorim, professor de Didática Especial e Prática de Ensino de Português-Literaturas da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e docente do Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PIPGLA) e do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da mesma instituição.

próprio cinema que buscava por prestígio ao tentar se parecer com a literatura na qual inspirava suas produções, a crítica contemporânea reconhece o cinema como uma forma de arte independente. No caso específico das adaptações literárias para o audiovisual, considera-se que a obra cinematográfica não deve ser analisada como uma simples reprodução do texto original em outra mídia, mas como uma nova interpretação, comparável às diversas leituras que cada leitor pode desenvolver a partir da obra escrita.

Em seu artigo “Ver um Livro, Ler um Filme: Sobre a Tradução/Adaptação de Obras Literárias para o Cinema como Prática de Leitura” publicado no *Cadernos do CNLF, Vol. XIV, N° 2, t. 2*, Marcel Álvaro de Amorim, diz:

...adaptação é uma leitura, exigir tal fidelidade seria o mesmo que exigir uma leitura única e universal do texto literário. Ao exigir esta única e universal leitura estariamos, acima de tudo, causando a extinção do literário já que, evocando Sartre (1948), a essência do literário só se realiza com a leitura, fora isso o que há são traços negros sobre o papel. (AMORIM, 2010).

Ainda sobre essa questão, outros pesquisadores também investigaram e criticaram a relação entre a fidelidade de uma produção audiovisual e a obra literária que lhe serve de base, alguns fomentando ainda mais a ideia da independência do cinema em relação à literatura. Mesmo que um filme/série seja a adaptação de um livro, seu processo criativo, por sua própria natureza visual, devora, ultrapassa e esquece a obra original da qual é adaptada. Nas palavras de João Mário Grilo¹³, em seu artigo “O Cinema Não Filma Livros...” publicado na revista *Discursos [Em linha]: estudos de língua e cultura portuguesa*:

... julgo importante fixar duas ideias: a primeira tem a ver com o facto de o cinema não filmar livros... o que liga um cineasta contemporâneo aos Lumière é, ainda, o facto de o cinema não se poder desprender de qualquer coisa que lhe é absolutamente genuíno: a relação entre a câmara e o que se lhe põe defronte, que não é (não pode ser), em qualquer caso, a literatura (na mais fiel adaptação literária feita pelo cinema - *Greed*, de Stroheim, a partir do romance homónimo de Frank Norris -, o que é belo seguir é a forma como o livro - imagem inicial vai perdendo o seu estatuto de referente, ao longo do filme, devorado por uma construção visual que o ultrapassa e o esquece literalmente). (GRILLO, 1996).

Mas se o cinema é uma arte independente, que não precisa mais da literatura para lhe garantir prestígio e é capaz de criar suas próprias histórias sem a obrigatoriedade de se pautar em uma obra escrita. Além de gerar uma nova leitura do texto, quais são os motivos que levam um livro a ser adaptado para série ou filme?

¹³Professor titular do Departamento de Ciências da Comunicação da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (NOVA FCSH)

Vários aspectos motivam essa transformação de obras literárias em produtos audiovisuais. Um dos principais impulsionadores é a popularidade e o sucesso comercial da obra. Livros *best-sellers* possuem uma base de fãs sólida, garantindo uma audiência pré-existente, nesse contexto, adaptar obras populares tende a ser uma aposta segura para os estúdios.

Além disso, narrativas envolventes com potenciais cinematográficos são fundamentais. Livros que apresentam histórias cativantes e descrições visuais ricas atraem a atenção de diretores e produtores, pois podem se traduzir em experiências visuais impactantes no cinema. A capacidade de contar essas narrativas de maneira dinâmica aumenta as chances de uma adaptação bem-sucedida. Temas universais e relevantes também desempenham um papel crucial, uma vez que obras que abordam questões atemporais conseguem atrair um público amplo. E, com o crescimento das plataformas de *streaming*, há uma demanda crescente por conteúdo original e exclusivo, demanda essa, que os livros suprem por apresentarem uma vasta fonte de histórias a serem exploradas.

A expansão de universos ficcionais ricos é outro atrativo para adaptações, especialmente em formato de série, que permite uma exploração mais detalhada de tramas e personagens, como é o caso de *Anne with an E*, que em comparação com *Anne of Green Gables* aprofunda muito mais a personalidade das personagens criando novas facetas e permitindo com que o público entenda e até se identifique com as atitudes delas, ao verem refletida, na tela, a complexidade humana.

Por fim, outro fator importante é o potencial de lucro envolvido nas adaptações. Muitas vezes, transformar uma obra literária em um filme ou série é visto como um investimento seguro. As adaptações também podem impulsionar as vendas dos livros originais, criando um ciclo de consumo que beneficia as duas indústrias.

A decisão de adaptar um livro para o cinema ou a TV, portanto, é influenciada por uma combinação de fatores comerciais, artísticos e culturais. Livros populares, com temas relevantes e universos expansivos, atraem estúdios e produtores, garantindo que as adaptações literárias continuem a ser uma prática comum na indústria audiovisual.

2.3. Cultura como produto: indústria cultural e economia criativa

Embora o cinema seja reconhecido como uma forma de arte e a indústria audiovisual exerça um papel significativo na geração de impactos culturais por meio do lançamento de filmes e séries para apreciação do público, é importante ressaltar que essa dinâmica também envolve uma relação de consumo. Como discutido no item anterior, a possibilidade de lucro é um fator influente, se não o mais influente, na hora das produtoras decidirem se um livro merece ser adaptado ou não.

Além de destacar a influência da possibilidade de lucro na adaptação de obras literárias, é fundamental reconhecer que, no contexto de um mundo capitalista, o capital serve como propulsor dessas produções. Mesmo organizações independentes que possam se posicionar como contracorrentes “anticapitalistas” ou que não tenham como objetivo principal a lucratividade ainda se encontram sujeitas à sua influência. Para entender essa relação entre arte e consumo, e a noção de capitalização da cultura, ou seja, a possibilidade de se vender cultura como produto, foram cunhados dois termos: *indústria cultural*, na década de 1940 por Theodor Adorno e Max Horkheimer, em “A Indústria Cultural: O Esclarecimento Como Mistificação das Massas”¹⁴ e, *economia criativa*, popularizado em 2001 por John Howkins em seu livro *Economia Criativa: como ganhar dinheiro com ideias criativas*¹⁵.

Adorno e Horkheimer apresentam a premissa de que a cultura é produzida industrialmente em massa e para as massas e deixou de ser arte para se tornar uma mercadoria. A racionalidade técnica que molda essa indústria não visa a criatividade ou a expressão, mas sim a manutenção do *status quo* econômico e social. O rádio e o cinema não são mais apresentados como formas de arte, mas como negócios cujos produtos são cuidadosamente planejados para reforçar a estrutura de poder dominante.

Por sua vez, essa produção em massa encoraja uma padronização tanto dos produtos quanto da sociedade. O que aparenta ser uma resposta às vontades e desejos dos consumidores, na verdade, resulta de um círculo vicioso onde as necessidades são manipuladas e moldadas pelas próprias estruturas de poder que as controlam.

Ao final os autores recorrem a exemplos do cinema e da música para demonstrar como a cultura de massa recicla elementos repetidos, eliminando a possibilidade de rupturas estéticas ou sociais. Expressões culturais que antes simbolizavam resistência ou inovação, acabam sendo apropriadas e neutralizadas pela lógica mercantilista da indústria cultural. Além

¹⁴Capítulo do livro *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos* de 1947.

¹⁵Do original *The Creative Economy: how people make money from ideas*.

disso, a obra investiga a falsa sensação de escolha que a cultura de massas oferece aos consumidores. Embora as distinções entre produtos, como filmes, carros ou programas de rádio, possam parecer evidentes, essas diferenças são, na realidade, ilusórias. Assim, a suposta variedade de escolhas na indústria cultural revela-se como uma ilusão, projetada para manter os consumidores presos ao ciclo do consumo. Esse fenômeno é descrito como uma forma de “reprodução ampliada” do sistema de dominação, na qual até mesmo a rebeldia contra o sistema é assimilada como uma mercadoria que reforça a ideologia dominante.

Por sua vez, a ideia de economia criativa exemplifica a ideia de um modelo de negócios que gere produtos ou serviços, tendo como ponto de partida conhecimento, criatividade ou capital intelectual de determinados indivíduos, com o objetivo de criar oportunidades de trabalho e renda. Mesmo tendo sua base no mundo das ideias, os bens produzidos por essa economia não são necessariamente intangíveis, como uma produção literária ou audiovisual, mas podem, sim, ser tangíveis: uma pintura ou uma escultura, por exemplo.

Sobre essa noção de economia criativa e sua estruturação, Arlinda Cantero Dorsa¹⁶ diz:

A criatividade é o motor propulsor da inovação. A partir desta colocação, é viável deduzir que a economia criativa é um setor estruturado sobre a criatividade e, por isso mesmo, também sobre a novidade. Criatividade e inovação são palavras que caminham juntas quando as tratamos dentro de um contexto econômico. Nesse sentido, no âmbito da discussão da economia criativa, a criatividade deve ser entendida como um “monstro de três cabeças”: criatividade artística (originalidade de ideias e formas de expressão), criatividade científica (curiosidade e disposição para experimentar e resolver problemas) e criatividade econômica (relacionada à inovação e à aquisição de vantagens e competitividades econômicas). (DORSA, 2019).

Entendendo essa dinâmica entre a noção de cinema/indústria audiovisual como arte e a noção da existência de uma indústria cultural somada a prática da economia criativa é possível afirmar que a adaptação de *Anne of Green Gables* em *Anne with an E* é fruto de diversas motivações de múltiplos agentes responsáveis por essa produção.

A série não existe somente para traduzir o livro em uma nova mídia, mas ao se aprofundar nas histórias das personagens, ao expandir e desenvolver de modo mais atencioso as pautas sociais tratadas na narrativa e ao criar uma nova leitura da obra, *Anne with an E* se torna uma nova obra de arte de grau artístico equivalente à *Anne of Green Gables* e independente de seu texto-base.

¹⁶Doutora em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e professora na Universidade Católica Dom Bosco (UCDB).

Ao mesmo tempo, essa adaptação audiovisual é sim um fruto da sociedade capitalista de consumo, principalmente por ter sido produzida contratualmente entrelaçada com um serviço de *streaming*, que passou a atender uma demanda do mercado de querer inovação e exclusividade. Sua existência e cancelamento se pautam em motivos comerciais de capital e influência de mercado.

A arte, portanto, existe como um espaço de criação, gerando renda e trabalho, impactando o indivíduo e a cultura ao seu redor, além de ser, por si só, uma fonte de produção cultural. No entanto, essa dinâmica ocorre sob a influência direta do capitalismo e dos interesses dos detentores do capital, que moldam tanto sua existência quanto seu impacto na sociedade.

3. O IMPACTO DE UMA ADAPTAÇÃO: UMA PERSPECTIVA MULTIFACETADA

A série *Anne with an E* é uma adaptação de destaque do romance clássico *Anne of Green Gables*, de Lucy Maud Montgomery, por conseguir equilibrar o respeito ao espírito da obra original com a introdução de elementos inovadores que enriquecem sua narrativa e ampliam seu impacto cultural.

Do ponto de vista narrativo, *Anne with an E* mantém a essência do livro, centrando-se em Anne, uma órfã imaginativa cuja chegada inesperada à fazenda Green Gables transforma a vida dos irmãos Cuthbert e da comunidade de Avonlea. Entretanto, a série vai além ao explorar os traumas do passado dela de forma mais explícita, utilizando *flashbacks* e cenas intensas que revelam os abusos emocionais e físicos sofridos pela protagonista antes de sua adoção. Essa abordagem destaca o papel da imaginação como um mecanismo de sobrevivência para Anne e adiciona camadas psicológicas à personagem, que a tornam ainda mais complexa e humana.

As personagens coadjuvantes também recebem um tratamento mais aprofundado. Diana Barry, por exemplo, passa de uma jovem destinada a ser apenas uma boa dona de casa, no livro, a alguém que questiona os papéis de gênero impostos pela sociedade. Gilbert Blythe é retratado além de seu papel como rival escolar de Anne, enfrentando perdas familiares e lidando com questões de classe e identidade através de sua amizade com Bash. Essas expansões narrativas, além de enriquecerem as personagens, tornam a série mais inclusiva e alinhada com debates contemporâneos.

No entanto, para além das questões narrativas, *Anne with an E* destaca-se como um caso emblemático da relação interdependente e por vezes tensa entre cinema e literatura. Como apresentado no capítulo anterior, as primeiras produções audiovisuais dependiam da fidelidade literal às obras originais para serem criticadas de maneira positiva. Nesse contexto, a série poderia ser vista como uma “infidelidade” por alterar elementos, expandir personagens e introduzir novos temas. Contudo, a linha de pensamento que reconhece adaptações como leituras criativas, capazes de reimaginar a obra original para novos meios poderia sugerir que a série é suficiente por si mesma, é uma produção e um produto de valor independente ao livro.

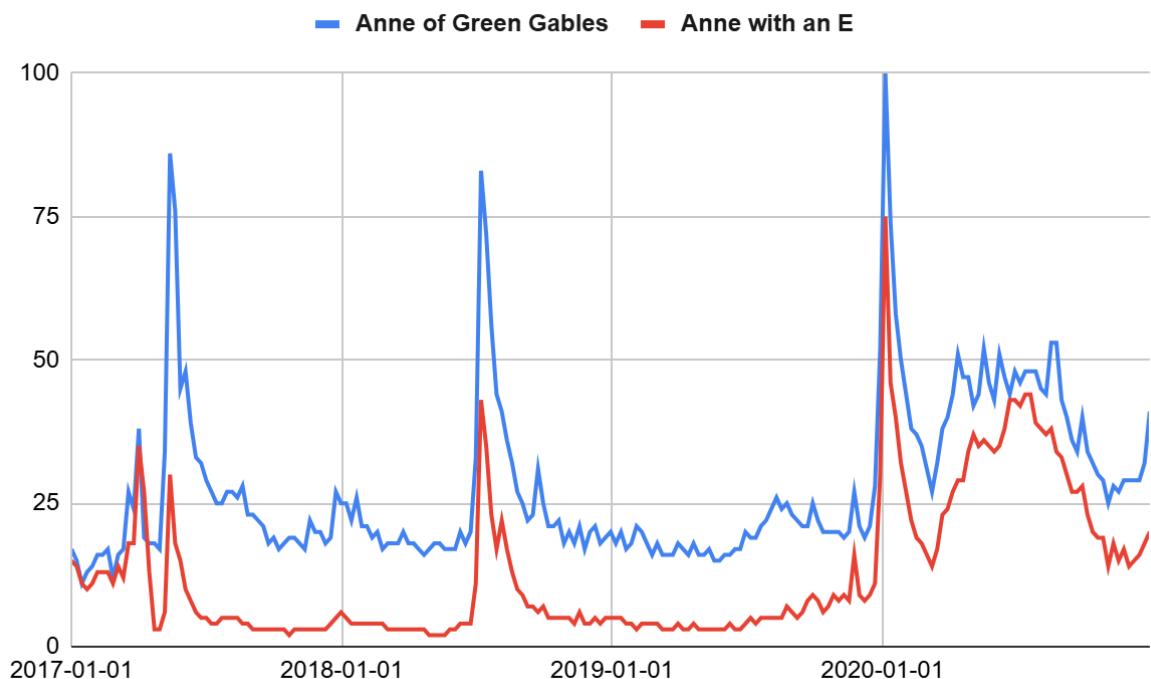
A linguagem visual da série exemplifica esse princípio. Elementos como a ambientação detalhada da Ilha do Príncipe Eduardo, a atuação dos atores e a trilha sonora criam uma experiência narrativa única, impossível de ser reproduzida no livro. Enquanto o

romance de Montgomery utiliza descrições líricas para construir o cenário e explorar as emoções das personagens, *Anne with an E* recorre ao poder da imagem e do som para intensificar o impacto emocional e transmitir significados de forma mais imediata. Nesse sentido, a série demonstra como o audiovisual pode transcender as limitações da literatura e oferecer novas perspectivas sobre a história.

Além disso, *Anne with an E* se destaca como um produto da indústria cultural e da economia criativa, conceitos que explicam a adaptação não apenas como uma obra de arte, mas também como uma mercadoria moldada pelo mercado. A série se encaixa no modelo de produção cultural em massa, em que obras literárias consagradas são transformadas em produtos audiovisuais com o objetivo de maximizar o lucro e atingir o maior número possível de espectadores. O envolvimento da Netflix na distribuição global da série exemplifica esse processo, ampliando seu alcance para um público internacional e, simultaneamente, revitalizando o interesse pela obra de Montgomery, o que impulsiona as vendas dos livros e gera um ciclo de consumo entre literatura e audiovisual.

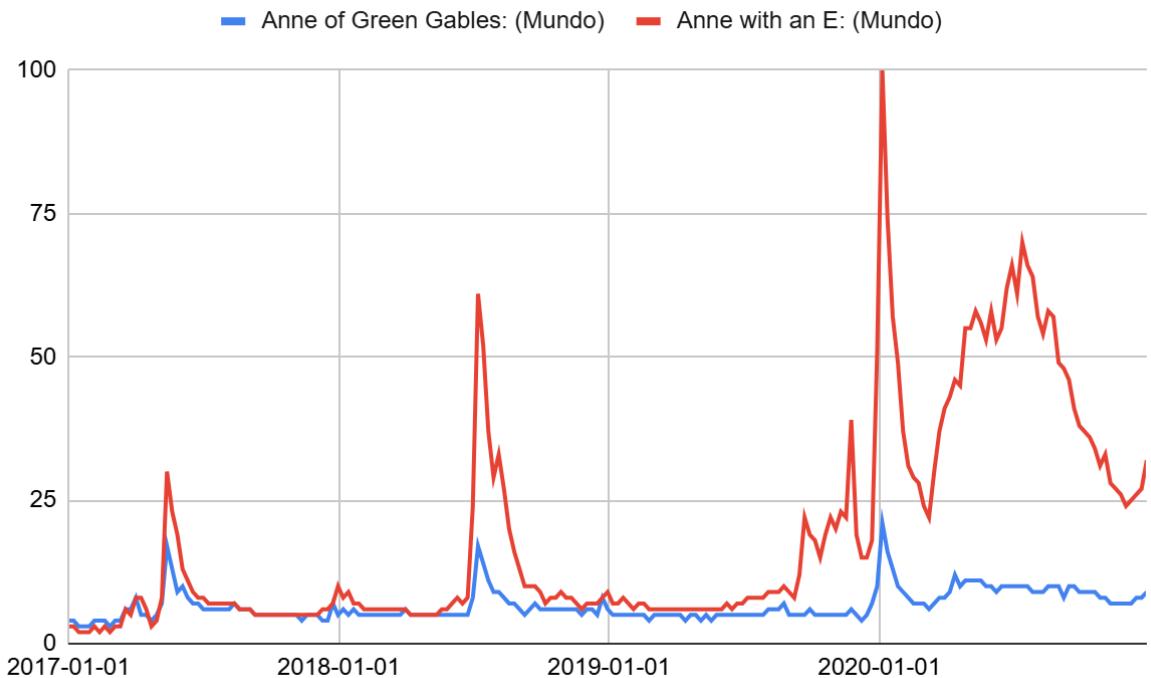
Os gráficos apresentados a seguir ilustram visualmente esse ciclo de influência entre o livro *Anne of Green Gables* e a série *Anne with an E*:

Gráfico 1: Número relativo de pesquisas na categoria “Livros e literatura”



Fonte: Google Trends.

Gráfico 2: Número relativo de pesquisas em todas as categorias



Fonte: Google Trends.

Em ambos os gráficos é explícita a relação entre a pesquisa/interesse entre os dois termos que representam as duas obras, quando uma está em destaque e ocorre o aumento do número de pesquisas relacionadas a ela, o interesse sobre a outra obra também cresce, mesmo que a nível menos expressivo. A única diferença entre os dois gráficos é que o primeiro é produzido a partir das pesquisas na categoria “Livros e literatura”, pré determinada pela ferramenta *Google Trends*, então faz sentido a obra mais pesquisada ser o livro e a influenciada ser a série, enquanto o segundo se refere a pesquisas generalizadas, sem nenhum filtro de categoria fazendo o processo inverso.

No entanto, o sucesso de *Anne with an E* como produto cultural também se deve à economia criativa. A série não apenas adapta *Anne of Green Gables* para um novo meio, mas o reimagina de forma inovadora, introduzindo temas contemporâneos como racismo, identidade de gênero e direitos indígenas. Esses elementos tornam a adaptação mais relevante e conectada com os debates atuais, destacando o papel da criatividade na geração de produtos culturais que transcendem o entretenimento e promovem reflexão social.

O cancelamento da série em 2019 revela os limites impostos pelo mercado à produção cultural. Apesar de sua qualidade artística e popularidade entre os fãs, *Anne with an E* foi encerrada devido a conflitos financeiros entre a CBC e a Netflix, ilustrando como decisões

comerciais frequentemente sobrepõem-se ao valor artístico. Essa dinâmica reflete a tensão apontada por Moira Walley-Beckett, criadora da série, entre arte e comércio na indústria cultural. Como ela afirmou, “economia, algoritmos e demografia” frequentemente guiam decisões corporativas, subjugando a arte às demandas do mercado.

Ao mesmo tempo, a adaptação exemplifica como o audiovisual pode operar como um catalisador para a renovação de narrativas literárias, explorando questões que o texto original apenas sugere ou ignora. Por exemplo, enquanto o livro de Montgomery retrata Anne com otimismo e leveza, evitando explorar profundamente os horrores de seu passado, a série adota uma abordagem mais realista e crítica, transformando Anne em uma protagonista ainda mais resiliente e inspiradora.

Assim, *Anne with an E* transcende a categorização de uma simples adaptação. Ao reinterpretar *Anne of Green Gables* com profundidade emocional, complexidade narrativa e inovação estética, a série se afirma como uma obra autônoma, que dialoga com o livro sem se limitar a ele. Apesar das pressões e limitações impostas pela indústria, a série demonstra que é possível combinar arte e mercado, criando um produto cultural que é ao mesmo tempo acessível, relevante e artisticamente significativo.

CONCLUSÃO

A análise comparativa entre *Anne of Green Gables* e sua adaptação televisiva, *Anne with an E*, reforça a importância das adaptações como interpretações artísticas que vão além da mera transposição narrativa, constituindo-se como releituras que trazem novas significações e ampliam a relevância cultural e social das obras. A série, ao incorporar temas atuais como justiça social, igualdade de gênero e respeito à diversidade, oferece uma perspectiva contemporânea e complexa da trajetória de Anne Shirley, convidando o espectador a revisitar a história sob um olhar que dialoga profundamente com as demandas e valores da sociedade atual. Essa reinterpretação não apenas expande o significado da obra de Montgomery, mas também reflete a força das adaptações em criar representações que impactam emocional e intelectualmente, explorando a potencialidade da literatura e do audiovisual como expressões de temas universais.

Ao transcender as páginas do livro e assumir uma forma audiovisual, a narrativa de *Anne with an E* potencializa a profundidade e a complexidade das experiências das personagens e de seus contextos, conectando-se a questões contemporâneas que vão além da obra original. A adaptação torna-se, assim, uma ponte entre diferentes gerações, permitindo que novos públicos entrem em contato com a história de Anne e, ao mesmo tempo, apresentando temas que incentivam a reflexão sobre questões ainda urgentes, como as barreiras impostas pela desigualdade social, o papel da mulher e a importância do respeito às diferenças culturais. Em *Anne with an E*, a vivência de Anne Shirley, revisitada e ressignificada, propicia uma experiência cultural enriquecedora que fortalece os laços entre literatura e audiovisual, evidenciando como as narrativas podem se adaptar e evoluir sem perder sua essência.

A adaptação não apenas resgata a obra literária para uma audiência mais ampla, mas também a transforma em um veículo de debate e questionamento, o que ilustra o poder das narrativas em mobilizar e engajar diferentes públicos em torno de questões centrais para a compreensão da sociedade. *Anne with an E* consolida-se, assim, como uma produção que desafia as fronteiras entre a literatura e o audiovisual, reafirmando o papel da cultura como elemento de reflexão e transformação. A análise de *Anne of Green Gables* e *Anne with an E* evidencia o valor das adaptações como ferramentas culturais que, ao longo do tempo, contribuem para manter vivas e relevantes as histórias e seus significados, proporcionando uma experiência que transcende o entretenimento e convida a um olhar crítico e sensível sobre o mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANNE WITH AN E. Moira Walley-Beckett (criação), CBC (produção), Netflix (distribuição). 3 temporadas, Canadá, 2017-2020, 27 eps.

MONTGOMERY, Lucy Maud. *Anne de Green Gables*. Tradução de João Sette Câmara. 1. ed. rev. São Paulo: Ciranda Cultural, 2020.

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *Dialectic of Enlightenment: Philosophical Fragments*. Stanford: Stanford University Press, 1944.

ANDREEVA, Nellie. Feeling The Churn: Why Netflix Cancels Shows After A Couple Of Seasons & Why They Can't Move To New Homes. *Deadline*, 18 mar. 2019. Disponível em: <https://deadline.com/2019/03/netflix-tv-series-cancellations-strategy-one-day-at-a-time-1202576297/>. Acesso em: 12 out. 2024.

ARAÚJO, Camila. Passado de violência contra indígenas no Canadá volta à tona após descoberta de covas. *Brasil de Fato*, 30 dez. 2021. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/12/30/passado-de-violencia-contra-indigenas-no-canad-a-volta-a-tona-apos-descoberta-de-covas>. Acesso em: 13 set. 2024.

BENZINE, Adam. CBC will no longer work with Netflix to produce shows, says Catherine Tait. *Financial Post*, 8 out. 2019. Disponível em: <https://financialpost.com/telecom/media/cbc-will-no-longer-work-with-netflix-to-produce-shows-says-catherine-tait>. Acesso em: 7 set. 2024.

BORDWELL, David; THOMPSON, Kristin. *Film Art: an introduction*. 10. ed. New York: McGraw-Hill, 2010.

BOSCOV, Isabela. Espírito liberto. *Revista VEJA*, São Paulo, 13 jul. 2018. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/revista-veja/espírito-liberto>. Acesso em: 2 out. 2024.

CALDAS, Milena. Livros vs. adaptação: Anne (with an E) de Green Gables. *Medium*, 18 maio 2020. Disponível em: <https://medium.com/lobanocovil/livros-vs-adaptação-anne-with-an-e-de-green-gables-f172347263eb>. Acesso em: 2 out. 2024.

CARDOSO, Alexandre. Anne With An E: Revelado o motivo da série ser cancelada pela Netflix. *Streamings Brasil*, 24 ago. 2022. Disponível em: <https://streamingsbrasil.com/anne-with-an-e-revelado-o-motivo-da-serie-ser-cancelada-pela-netflix/>. Acesso em: 7 out. 2024.

CARVALHO, Paula. Ode à imaginação. *QuatroCincoUm*, 1 out. 2020. Disponível em: <https://quatrocincoum.com.br/resenhas/literatura/literatura-infantoljuvenil/ode-a-imaginacao/#:~:text=Como%20a%20hist%C3%B3ria%20de%20Anne,maiores%20trag%C3%A9dias%20da%20sua%20vida>. Acesso em: 25 set. 2024.

CAVES, Richard E. *Creative Industries: Contracts Between Art and Commerce*. Cambridge: Harvard University Press, 2022.

EQUIPE EDITORIAL. Economia criativa: assunto em pauta. *Interações (Campo Grande)*, v. 20, n. 4, p. 987-988, 2019. DOI: 10.20435/inter.v20i4.2806. Disponível em: <https://interacoesuclb.emnuvens.com.br/interacoes/article/view/2806>. Acesso em: 25 out. 2024.

FELIZARDO, Rafael. Na Netflix: Uma série aclamada pelo público que foi injustamente cancelada após 3 temporadas. *AdoroCinema*, 7 dez. 2023. Disponível em: <https://www.adorocinema.com/noticias/series/noticia-1000055013/>. Acesso em: 30 set. 2024.

GRILLO, João Mário. O cinema não filma livros... *Discursos [em linha]: estudos de língua e cultura portuguesa*, n. 11-12, out. 1995 / fev. 1996, p. 209-212. ISSN 0872-0738. Disponível em: <https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/4037/4/Jo%c3%a3o%20Grilo.pdf>. Acesso em: 17 out. 2024.

JENNER, Mareike. *Netflix and the Re-invention of Television*. 2. ed. Londres: Palgrave Macmillan, 2023.

LACOMBE, Sérgio. *O Conceito de Indústria Cultural: Leituras na Contemporaneidade. Entremeios*, v. 15, n. 1, jan.-jun. 2019. Disponível em: <https://entremeios.com.puc-rio.br/media/11%20Lacombe%20ind.pdf>. Acesso em: 27 out. 2024.

LANDIM, Patricia. Do papel à tela: a adaptação dos livros de Anne With an E e a coleção completa. *Pat entrou no mundo das séries*, 15 nov. 2023. Disponível em: <https://www.patentrounomundodasseries.com/do-papel--tela-a-adaptao-dos-livros-de-anne-with-an-e>. Acesso em: 8 out. 2024.

LAWRENCE, Britt. Netflix And CBC Are Breaking Up, Is This A Sign Of Things To Come? *Cinablend*, 9 out. 2019. Disponível em: <https://www.cinemablend.com/television/2481911/netflix-and-cbc-are-breaking-up-is-this-a-sign-of-things-to-come>. Acesso em: 14 set. 2024.

LIBRARY AND ARCHIVES CANADA. Lucy Maud Montgomery: From Potboilers to Poetry. *The Discover Blog*, 27 nov. 2014. Disponível em: <https://thediscoverblog.com/2014/11/27/lucy-maud-montgomery-from-potboilers-to-poetry/>. Acesso em: 2 set. 2024.

LISSARDY, Gerardo. ‘O que aconteceu no Canadá foi genocídio’, diz parlamentar indígena. *BBC*, 10 jul. 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-57786853>. Acesso em: 12 set. 2024.

MARZOCHI, Miguel. Anne With An E: Entenda as razões por trás do cancelamento da série. *Cine Vibes*, 29 jun. 2024. Disponível em:

<https://cinevibes.com.br/anne-with-an-e-entenda-as-razoes-por-tras-do-cancelamento-da-serie/>. Acesso em: 27 set. 2024.

MCFARLANE, Brian. *Novel to Film: An Introduction to the Theory of Adaptation*. Oxford: Clarendon Press, 1996.

ORSI, Rodrigo Rodrigues. Do livro à tevê: as recepções críticas a *O Conto da Aia*. 73 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social – Habilitação em Editoração) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

PARKS CANADA. Lucy Maud Montgomery: National Historic Person (1874-1942). *Parks Canada*, 14 fev. 2024. Disponível em: <https://parks.canada.ca/culture/designation/personnage-person/lucy-maud-montgomery#fn1>. Acesso em: 30 ago. 2024.

PARKS CANADA. Person of significance: L.M. Montgomery. *Parks Canada*, 5 nov. 2024. Disponível em: <https://parks.canada.ca/lhn-nhs/pe/greengables/culture/montgomery>. Acesso em: 30 ago. 2024.

PARKS CANADA. Site management - Green Gables Heritage Place. *Parks Canada*, 16 jan. 2024. Disponível em: <https://parks.canada.ca/lhn-nhs/pe/greengables/gestion-management>. Acesso em: 30 ago. 2024.

PASSOS, Bruno. Crítica: *Anne with an E* (CBC, 2017-2019) – Um século à frente. *Cinema com Rapadura*, 8 mar. 2020. Disponível em: <https://cinemacomrapadura.com.br/criticas/572460/critica-anne-with-an-e-cbc-2017-2019-um-seculo-a-frente/>. Acesso em: 1 set. 2024.

PORTILHO, Júlia. Anne: uma protagonista à frente de seu tempo. *Blog FCA PUC Minas*, 12 nov. 2020. Disponível em: <https://blogfca.pucminas.br/ccm/anne-uma-protagonista-a-frente-de-seu-tempo/>. Acesso em: 27 set. 2024.

RANGEL, Tania Vieira; CURCINO, Luzmara. Filmes e livros: quem viu o filme leu o livro e vice-versa? Uma análise de representações discursivas do leitor contemporâneo. *Linguasagem*, São Carlos, v. 32, n. temático, Discursos sobre leitores e leitura: suas representações simbólicas como tema de pesquisa, dez. 2019, p. 98-105. Disponível em: <https://www.linguasagem.ufscar.br/index.php/linguasagem/article/view/664/405>. Acesso em: 3 out. 2024.

REES, William. Canada's First Nations. *History Today*, 9 set. 2018. Disponível em: <https://www.historytoday.com/archive/history-matters/canadas-first-nations>. Acesso em: 23 out. 2024.

REES, William. “Primeiras nações”: as populações nativas do Canadá (Artigo). Tradução de Bruno Leal Pastor de Carvalho. In: Café História – história feita com cliques. 7 nov. 2018.

Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/primeiras-nacoes-canada/>. Acesso em: 23 out. 2024.

SEBRAE. O que é economia criativa. *Sebrae*, 7 jan. 2016. Disponível em: <https://sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/o-que-e-economia-criativa,3fbb5edae79e6410VgnVCM2000003c74010aRCRD>. Acesso em: 25 out. 2024.

UNESCO. Cutting-edge creative economy: Moving from the sidelines. *UNESCO*, 28 jan. 2021. Disponível em: <https://www.unesco.org/en/articles/cutting-edge-creative-economy-moving-sidelines>. Acesso em: 25 out. 2024.

UNIT - Universidade Tiradentes. Especialista discute a relação entre cinema e literatura. *Portal Unit*, 23 jul. 2021. Disponível em: <https://portal.unit.br/blog/noticias/especialista-discute-a-relacao-entre-cinema-e-literatura/>. Acesso em: 15 out. 2024.

VEJA o real motivo para o cancelamento de Anne With an E na Netflix. *Observatório do Cinema*, 8 jan. 2021. Disponível em: <https://observatoriodocinema.uol.com.br/streaming/netflix/veja-o-real-motivo-para-cancelamento-de-anne-with-an-e-na-netflix/>. Acesso em: 16 set. 2024.